
REDES DE MANIPULAÇÃO: A invisibilidade de algoritmos e intangibilidade da fé nos documentários *The Family* e *Privacidade Hackeada*¹

Roberta Scórcio Maia TAFNER²
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

Há muito o capitalismo utiliza formas para explorar e manipular os movimentos sociais e culturais de cada época. Os documentários *The Family* e *Privacidade Hackeada* têm momentos socioculturais diferentes: o primeiro apresenta e investiga as relações sociais tradicionais de um grupo cristão conservador e sua influência na política americana; o segundo, apresenta o caso *Cambridge Analytica* e a utilização de dados de usuários de redes sociais para a disseminação de mensagens políticas nas eleições dos EUA de 2018. Esses documentários são base para refletir a legitimação do poder por meio da intangibilidade da fé e da invisibilidade dos algoritmos sob a ótica do Capitalismo. Dos autores: Bakhtin, Canclini, Carrascoza, Hardt e Negri Marx, Lotman, Morozov, Ortiz, Peres-Neto, Sennett e Srnicek, Toffler, Van Dijck e Weber.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação e consumo; capitalismo; produção e tecnologia

O CENÁRIO

As estruturas de poder do mercado mundial estão em constante movimento no que diz respeito a informação e a comunicação e desempenham um papel fundamental no processo de produção global em diferentes frentes de negócios que envolvem não só a cultura do consumo, mas também a política. Não pretendemos embarcar no viés político e partidário, mas sim, nas questões dos gigantes do poder da indústria e da tecnologia às redes de informação. Contudo, não devemos esquecer, “que o marketing passa a ser a essência da política”, como afirma Sennett (2008), em “que truques sedutores da publicidade são usados para comercializar ideias e personalidades: da mesma forma que a publicidade não torna difícil as coisas para o consumidor, o político trata de facilitar o ato de sua própria compra” (SENNETT, 2008, p. 126).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo do PPGCOM. Professora no Curso de Graduação em Publicidade e Propaganda da ESPM-SP. E-mail: rscorcio@espm.br.

Marx (1993) entende que a organização da sociedade capitalista e sua estrutura social, é dividida em infraestrutura e superestrutura, no processo de acumulação capitalista. Assim, se refere à superestrutura como fruto de estratégias dos grupos dominantes para a consolidação e perpetuação de seu domínio. Para isso, demandam ora o uso da força, ora a da ideologia, estabelecendo nela uma forma de legitimar o uso da força, na tática de tornar certas ideias como verdadeiras e aceitas pela sociedade, sendo elas, criada pela classe dominante de acordo com seus interesses. Enquanto Canclini (2020) destaca “o papel dos processos culturais como cenas de persuasão e negociação entre dominantes e dominados”. (CANCLINI, 2020, p. 82, tradução nossa)³.

Neste sentido, grupos dominantes da superestrutura, imbuídos de ideologia, estão vinculados a uma produção espiritual que na compreensão de Weber (2004) trata-se de um capitalismo em termos estritamente econômicos e materiais, “o espírito do capitalismo”, ou seja, o capitalismo enquanto espírito é cultura - a cultura capitalista moderna. Eric Sandin (2018) já denomina como “tecnocapitalismo”, a respeito das questões que estão reformulando processos socioeconômicos e culturais.

Em sintonia, fatores atuais nos levam à reflexão, já que devido ao crescimento das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação - TICs, a força produtiva das redes e a sua capacidade de pulverização, nos apresenta antigos questionamentos sobre quem determina o que será consumido, quem será dominado e quem será dominante numa esfera global. Assim, a desterritorialização deixa de ser uma tendência defendida para ser uma realidade, principalmente pelo fato de que a “produção é ainda mais pronunciada nos processos de trabalho imaterial, que envolvem o manuseio de conhecimento e informação” (HARDT E NEGRI, 2004, p, 316).

Sendo possível incorporar aqui o significado do Bilinguismo Cultural que envolve a capacidade de absorção entre fronteiras apresentada por Lotman (1996), como o ambiente em que vivenciamos na atualidade, pois se misturam a uma ordem social, ou seja, o tecido social que apresenta o fato sócio-ideológico como uma visão de mundo (BAKHTIN, 2009).

Ao mesmo tempo, nesta ordem social e ideológica que Lotman (1996) afirma haver um “jogo” de transmissão de informação, marcado pelo “intercambio de informação”, numa reciprocidade mútua, Assim, a desterritorialização somada ao

³ No original: destaca el papel de los procesos culturales como escenas de persuasión y negociación entre dominadores y dominados.

Bilinguismo Cultural contribuem para uma visão holística dominante no processo de disseminação da informação, que carrega variáveis sócio-ideológicas, confirmada por Marx (1993):

“é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época” (MARX, 1993, p. 72).

De acordo com Hardt e Negri (2004) a sucessão de paradigmas econômicos desde a Idade Média apresenta três momentos distintos, cada qual definido pelo setor dominante da economia: em primeiro a agricultura e extração de matérias-primas; um segundo a indústria e a fabricação de bens duráveis; e um terceiro – e atual – o paradigma econômico, no qual a oferta de serviços e o manuseio de informações estão no coração a produção econômica. Os autores ajudam-nos a entender o papel fundamental que a informação e comunicação desempenham nos processos de produção entre as relações de produção e troca, e sua extensão na esfera global.

Alvin Toffler (2001) afirma que a humanidade produziu três grandes ondas de modernização. A primeira onda de mudança foi a invenção da agricultura; a segunda onda foi provocada pela Revolução Industrial; e a terceira onda, a da informação, a partir dos anos 1950, inicialmente nos EUA. No entanto, sobre a terceira onda, conhecida por Sociedade da Informação ou Sociedade do Conhecimento; Toffler (2001) enfatiza que:

“o computador explodiu nesta cena por volta de 1950. Com o seu poder sem precedentes de análise e disseminação de dados extremamente variados em quantidades inacreditáveis a velocidades que assustam a mente, o computador tornou-se uma força capital por detrás da mais recente aceleração no setor do conhecimento e de sua aquisição. Combinado com outros instrumentos de poder crescente analítico para a observação do universo invisível que nos cerca, o computador fez subir o ritmo da aquisição do conhecimento a velocidades estupefacentes”. (TOFFLER, 2001, p. 23).

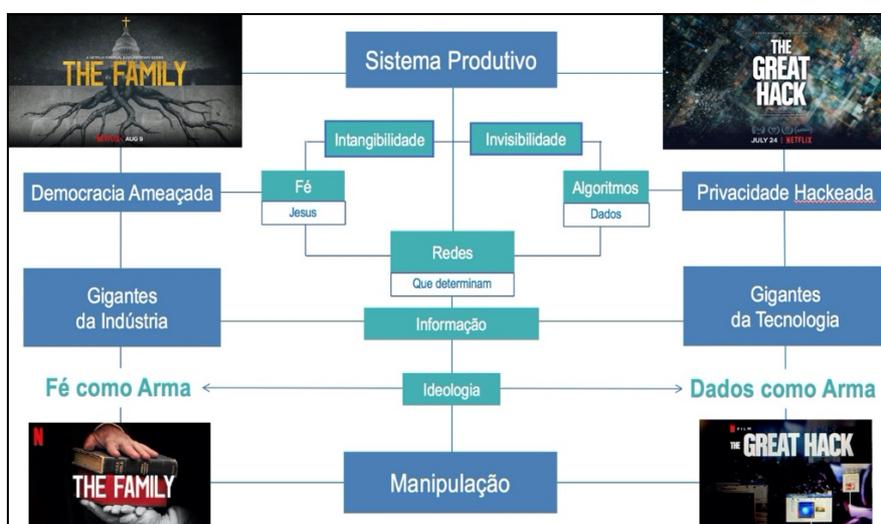
É diante deste cenário de transições e ondas de modernização que identificamos os processos de produção dos gigantes do poder, marcados pela onda industrial e pela onda da informação, que nos levam a refletir sobre algumas questões. O quanto somos manipulados sem sequer perceber? A invisibilidade dos algoritmos é tão intangível quanto a fé?

O PERCURSO

Para a realização deste artigo, utilizamos uma abordagem que visa entender, descrever e explicar os fenômenos sociais de modos diferentes, através da análise de experiências individuais e grupais, exame de interações e comunicações que estejam se desenvolvendo assim como da investigação de documentos (textos, imagens, filmes ou músicas) ou traços semelhantes de experiências e integrações (FLICK, 2009). Nesta investigação utilizamos materiais audiovisuais como recurso para reflexão, inclinándonos para um estudo exploratório, como primeiro passo para nos aproximarmos de campo sobre o qual não detemos conhecimento suficiente (COLLIS; HUSSEY, 2005). Sendo assim, optamos como procedimento técnico pela pesquisa de *ex-post-facto* que, de acordo com Fonseca (2002), consiste na investigação a partir de fatos passados (FONSECA, 2002, p. 32).

Portanto, no presente artigo a investigação se dará por analisar dois documentários, exibidos em 2019, na plataforma líder mundial (ao menos no Ocidente) de *streaming*, a Netflix. Sendo eles, o primeiro no formato de série com 5 episódios, *The Family – Democracia Ameaçada*; e o outro, no formato de filme documentário, *The Great Hack - Privacidade Hackeada*, pela possibilidade de compararmos em tempo-espaço fatos relatados nestes documentários e as relações de poder no cenário capitalista em que estão inseridos. Iniciando este estudo com a representação gráfica no esquema apresentado pela Figura 01.

Figura 01 - Representação gráfica do estudo



Fonte: Elaboração Própria.

O PODER DA FÉ

A série *The Family - Democracia Ameaçada (THE FAMILY...*, 2019), baseado nos livros *A Família: O Fundamentalismo Secreto no Coração do Poder Americano* e *C Street: A Ameaça Fundamentalista à Democracia Americana*, de Jeff Sharlet, examina a história de um grupo cristão conservador – conhecido como Família ou Irmandade (Confraria) e investiga sua influência na política americana. A Confraria, criada em 1935, por Abraham Vereide nos EUA, foi idealizada por um grupo empresarial dominante em função de circunstâncias estritamente econômicas e materiais. Composta por representantes de 19 indústrias, que se reuniam com intuito de defender suas riquezas e a erradicar os sindicatos, cuja atuação era marcada por confrontos, violência e repressão, particularmente organizando a Grande Greve da Costa Oeste de 1934, depois da paralização geral de quatro dias de São Francisco e a *Terça-feira Sangrenta*, todas no mesmo ano.

Este grupo dominante articulava novas estratégias com a finalidade de produzir e disseminar ideias que legitimavam as ações do Estado em prol dos seus interesses. O poder e os interesses deste grupo, portanto, incidem diretamente nas relações estabelecidas na cultura do novo capitalismo defendida por Sennett (2008), já que colocam em acordo o fato de que a democracia exige mediação e discussão face a face.

Assim, Vereide iniciou nos anos 1930, em Seattle (USA), um evento anual que pretendia, ao menos explicitamente, reunir a elite política, social e de negócios para orarem juntos. Esse evento ficou conhecido como *National Prayer Breakfast*. Em 1953, já em Washington, D.C., o evento tomou grandes proporções quando o presidente dos EUA, Dwight D. Eisenhower, compareceu a convite do então congressista, Abraham Vereide. Esses eventos, contavam com a presença de diversos participantes relevantes nas esferas política e econômica, permitindo acesso e interações com outros atores igualmente relevantes nessas esferas. Pouco depois e surgindo desta estratégia, o discípulo de Vereide, Doug Coe, assumiu a frente da Confraria tomando como base os “dogmas do calvinismo”, cunhados pela doutrina da predestinação.

Neste contexto de fé e predestinação por meio da Confraria e da criação do *National Prayer Breakfast*, observa-se a intertextualidade na inversão de valores, que dá voz aos discursos que geram embate e confrontos, já que tomado pela fé, o sujeito se sentia uma “ferramenta” de Deus, especialmente ancorado na palavra “Jesus” operada pela verdadeira fé (WEBER, 2004). Utilizando-se de uma linguagem que atravessava

todos os discursos aos quais se está mergulhado e submerso, em que Bakhtin (2009) define a palavra como vinculadora das relações sociais. Williams (2011), defende que a linguagem é produtora de sentidos e valores e legitimadora de ideologias, sempre compreendida como superestrutura, se coloca vez mais forte e pertinente para enfrentar os desafios socioeconômicos.

Entretanto, é importante salientar que esta palavra foi utilizada como veículo da disseminação de uma ideologia voltada a atender os objetivos desse grupo, por meio da concepção de um livro que continha somente os versículos e passagens da Bíblia que endossavam a estratégia adotada pela Confraria, intitulada *Jesus plus nothing*.⁴ Para Bakhtin (2009), toda palavra é um signo social que comporta duas fases, tanto pelo fato de proceder de alguém, quanto pelo fato de se dirigir a alguém. É com este entendimento que a palavra universal, “Jesus”, “se colocou como ponte entre mim e o outro” (BAKHTIN, 2009, p. 113), ou seja, entre EUA e o mundo.

O que se observa através dos fatos, apresentados no documentário, em diferentes momentos políticos da posição dominante no sistema global americano é que uma simples ação de marketing estratégico e ideológico da *National Prayer Breakfast*, um evento que reunia meticulosamente convidados mundiais, se sistematizou uma rede de informação, ainda demarcada por uma comunicação face a face e pelos antigos sistemas de telecomunicações estruturadas de poder no sistema capitalista mundial, através de uma conduta de vida cujos fundamentos morais e simbólicos estão enraizados na tradição religiosa.

A reunião destes convidados mundiais, na composição de uma rede de informação, se apresenta a internacionalização tratada por Ortiz (2007) e reforça que a Confraria coordenava estrategicamente o aumento da extensão geopolítica das atividades econômicas dos EUA. Na medida em que a globalização das atividades “é uma forma mais avançada e complexa da internacionalização, implicando em um mercado mundial” (ORTIZ, 2007, p. 15).

Portanto, aqui já se destaca uma comunicação em rede de uma superestrutura global como instrumento de uso da força e do poder, legitimados pela ideologia. Para Marx (1993), o estado está sempre a serviço da classe dominante, buscando manter seu *status quo*, o capital, já que ele “é a potência econômica da sociedade burguesa, que

⁴ Em tradução livre: Jesus e mais nada.

domina tudo” (MARX, 1991, p. 122). No documentário em análise, a formação de “uma plataforma política, como acontece no mundo dos negócios, também centralizam cada vez mais o poder” (SENNETT, 2008, p.144). A legitimação deste poder se apresenta municada pelo poder da arma, a palavra “Jesus”, endossada pelos gigantes do poder global e estrategicamente colocada no contexto, de forma intangível, como signo social universal.

A implicação deste signo social universal e a sua representação, vinculada ao “movimento de globalização das sociedades” e também a uma “divisão de mundo” em um universo simbólico, é marcado pela cultura mundializada como um fenômeno social (ORTIZ, 2007, p. 30). Em qualquer sociedade e em qualquer período “há um sistema central de práticas, significados e valores que podemos chamar especificamente de dominante e eficaz” (WILLIAMS, 2011b, p.53). Com isso, tanto as corporações como os governos e seus líderes dependem da legitimação da sua própria dominação, através da universalização dos significados e valores de uma classe em relação ao conjunto da sociedade, como se pode observar no documentário.

O PODER DO DADOS

No filme documentário *Privacidade Hackeada* (PRIVACIDADE..., 2019), apresenta o caso da empresa britânica de consultoria especializada em análise de dados, *Cambridge Analytica*, que teve suas atividades encerradas em maio de 2018 após o escândalo mundialmente conhecido e divulgado pelas mídias, e aborda o quanto os processos de modernização e industrialização transformaram e redefiniram todos os elementos do plano social, em que “a sociedade tornou-se fábrica” (HARDT E NEGRI, 2004, p. 307). Tendo como chave o capitalismo de plataforma onde a cooperação coletiva e o conhecimento se tornam uma fonte de valor, na medida em que “o capitalismo avançado passou a se concentrar na extração e no uso de um tipo particular de matéria-prima: os dados” (SRNICEK, 2017, p. 23, tradução nossa)⁵.

No documentário, é possível observar o poder das gigantes de tecnologia envolvidas por grupos e líderes políticos espalhados pelo mundo, atuando com “novas formas de produção dentro das redes do novo mercado mundial, sob domínio da produção informatizada de serviços” (HARDT e NEGRI, 2004, p. 309); em que a maioria dos

⁵ No original: century advanced capitalism came to be centred upon extracting and using a particular kind of raw material: data.

serviços de fato se baseia na permuta contínua de informação e conhecimentos, como sendo trabalho imaterial. Para Nick Srnicek (2017) este “processo de trabalho é cada vez mais imaterial, orientado para o uso e manipulação de símbolos e afetos” (SRNICEK, 2017, p. 22, tradução nossa)⁶, como notaremos no decorrer desta análise.

O *Facebook* entra nesse contexto representando a gigante da tecnologia, como ator central do escândalo, ao disponibilizar aplicativos de testes de personalidade desenvolvidos pela *Cambridge Analytica*, baseados nos algoritmos do Aplicativo *MyPersonality*, por sua vez, desenvolvido pela Universidade de Cambridge; e ao permitir que os dados fossem utilizados para fins diversos do objetivo do teste e, principalmente, compartilhados com terceiros, na medida em que a interação dos usuários permitiam a obtenção de informações e clusterização dos dados⁷ por essa empresa de análise de dados, para uso de seus diversos clientes, em particular, campanhas políticas, como a de Donald Trump, nas eleições majoritárias norte americanas de 2018.

Diante destes fatos o capitalismo de plataforma abrange “infraestruturas digitais”⁸ (SRNICEK, 2017) e permitem que “dois ou mais grupos interajam e se posicionem como intermediários que reúnem diferentes usuários: clientes, anunciantes, prestadores de serviços, produtores e fornecedores” (SRNICEK, 2017, p. 22, tradução nossa)⁹. “O chamado escândalo da *Cambridge Analytica*, trata da utilização de dados massivos sobre o comportamento on-line de usuários do *Facebook* com fins políticos por uma empresa parceira da maior rede digital do mundo” (BARROS e PERES-NETO, 2019, p. 165).

De acordo com Hardt e Negri (2004, p. 319) “no auge da produção contemporânea, a informação e a comunicação são verdadeiras mercadorias produzidas; a rede, em si, é o lugar tanto na produção quanto da circulação”. Assim, ao se pensar nos aplicativos que circulam, como a exemplo do *MyPersonality*, é possível compreender que por meio de nossas relações com objetos, sejam bens de consumo ou não, nos comunicamos e através dessa comunicação e de nossa percepção do mundo, compartilhamos uma cultura em comum, ou seja, o sentimento de pertencimento social

⁶ No original: process is increasingly immaterial, oriented towards the use and manipulation of symbols and affects.

⁷ Análise de agrupamento, ou clustering, é o nome dado para o grupo de técnicas computacionais cujo propósito consiste em separar objetos em grupos, baseando-se nas características que estes objetos possuem. (LINDEN, R. Revista de Sistemas de Informação da FSMA n. 4 (2009) p. 18-36)

⁸ No original: digital infrastructures

⁹ No original: two or more groups to interact and they position themselves as intermediaries that bring together different users: customers, advertisers, service providers, producers, suppliers, and even physical objects.

pode ser dado por meio de um código traduzido nas relações que criamos com objetos (mercadorias ou não) (CARRASCOZA, 2015).

Isso poderia explicar o esforço da indústria, em especial aquelas em rede (CASTELLS, 1999), em “manipular o nosso mundo interior e nos remodelar” (HARARI, 2018, p. 13) assegurando assim o seu mercado potencial, uma vez que de acordo com Metcalfe (2013, p. 28): “o valor (V) de uma rede é proporcional a quantidade (n) de suas conexões ao quadrado”, ou seja, tem seu valor exponencialmente acrescido.

Neste documentário, como no anteriormente analisado, também a *Cambridge Analytica* pode ser entendida como um veículo, mas para análise de dados e identificação de grupos. Aqui também se vislumbra um serviço, um trabalho imaterial que produz um bem imaterial. Sobre esse aspecto, Carrascoza (2015) afirma que:

“o consumo gera a sensação de pertencimento, sujeitos que consomem o mesmo produto se julgam ligados ao ideário do grupo. No entanto, podemos dizer que nos agentes da produção - mesmo se concorrentes - também esse sentimento está presente, sabe-se que as empresas costumam se unir em associações por segmento e atuação, além de compactuar com demais grupos pertencentes a sua cadeia produtiva”. (CARRASCOZA, 2015, p. 36)

Lembra ainda que “os grupos, neste caso, as empresas, para sobreviverem, fazem pactos entre si, fortalecendo “ajuda mútua” (ibidem), na medida em que os “[...] setores de serviço da economia apresentam um modelo mais rico de comunicação produtiva. A maioria dos serviços de fato se baseia na permuta contínua de informações e conhecimentos” (HARDT e NEGRI, 2004, p. 311), como no pacto que se apresenta entre a *Cambridge Analytica* e o Facebook em que foi revelado o escândalo.

Em acordo com Van Dijck (2018) e dentro da lógica do capitalismo de plataforma de Nick Srnicek (2017), observamos que:

[...] plataformas de mídia social nunca são “ferramentas” neutras: elas tornam certas coisas visíveis, enquanto escondem outras. Para compreender os resultados dos processos de filtragem por algoritmo [...] é necessário desvendar como diversas tecnologias de plataformas em congruência com modelos econômicos e práticas de usuários moldam a atividade social por todos os setores da economia e esferas da vida. (VAN DIJCK, 2018, p.32, tradução nossa)¹⁰.

¹⁰ No original: social media platforms are never neutral “tools”: they make certain things visible, while hiding others. To understand the outcomes of the algorithmic filtering process in these examples it is necessary to untangle how various platform technologies in congruence with economic models and user practices shape social activity across economic sectors and spheres of life.

Nesse sentido, a informação, advinda dos dados individuais dos consumidores seria ativos intangíveis, endossadas pelos gigantes da tecnologia global estrategicamente colocados de forma fortuita na rotina dos usuários, em que dialogicamente, no documentário tratam da complexidade que envolve a privacidade dos dados, para a reflexão de que a “informação-consentimento não é capaz de dar conta da infinidade de problemas que se verifica o novo contexto de vida em rede” (PERES-NETO, 2018, p. 30). Logo, a tendência deste capitalismo tecnológico dominado pelas gigantes do poder imprime o “surgimento da desconfiança pós-moderna diante de tudo o que seja remotamente consolidado – de imediato percebido como corrupto e a serviço de interesses escusos”. (MOROZOV, 2018, p.19).

O INVARIÁVEL CAPITALISTA

Sempre fomos, em maior ou menor grau, afetados pelo poder, seja qual for o ponto inicial de análise, tanto pela invisibilidade e intangibilidade que nos cerca, quanto pelo poder do discurso sendo utilizado como arma em nome de “Jesus”, e mais, pela atual invisibilidade dos algoritmos - “dados” também utilizados como armas. É importante destacar que os dois documentários analisados nos colocam “diante do bom e velho capitalismo, com a tendência de transformar tudo em mercadoria, mas com anabolizantes” (MOROZOV, 2018, p. 22).

Como visto, a indústria, seja ela qual for (de produção de bens materiais ou da tecnologia), por meio de grupos dominantes, os chamados gigantes da indústria, exerceram seu poder ao utilizar os aparatos que tinham ao seu dispor para manipular, preferencialmente de forma invisível – e mais eficaz, as suas vontades e interesses. Neste ponto, o poder das redes de informação, potencializa a sua eficácia, na medida em que reforça a comunicação desenvolvida com esse objetivo.

A tendência da desterritorialização da produção que invade o manuseio de conhecimento e informação, beneficiam as redes de informação à produção das coações territoriais, na medida em que tendem a abreviar o contato entre produtor e consumidor, independente da distância entre eles. Neste caminho, as gigantes da tecnologia - GAFA (CANCLINI, 2019) - exercem crescente influência sobre como as sociedades são organizadas através do ecossistema da plataforma. Para Van Dijck (2018) estes gigantes da tecnologia fazem parte de uma sociedade de plataforma em que:

“seus serviços de infraestrutura estabelecem padrões tecnológicos, determinam modelos econômicos e orientam a atividade do usuário para o ecossistema como um todo, moldando a interação entre plataformas setoriais, instituições sociais, empresas e cidadãos-consumidores”. (VAN DIJCK, 2018, p.46 tradução nossa)¹¹.

Bill Gates, cofundador da Microsoft Corporation, leva esta tendência ao extremo quando prevê um futuro no qual as redes de informação vão superar inteiramente as barreiras à circulação e permitir o surgimento de um capitalismo ideal, “livre de atritos”: “A superestrada da informação ampliará o mercado eletrônico e fará dele o intermediário definitivo, o revendedor universal” (GATES, apud HARDT e NEGRI, 2004, p. 317).

Se a visão de Gates se materializar, as redes tenderiam a reduzir todas as distâncias e a tornar as transações imediatas, reforçando a tendência à desterritorialização e agilidade nas negociações. Mas Srnicek (2018) alerta, que estas gigantes da tecnologia “estão longe de serem meras proprietárias de informações, essas empresas estão se tornando donas das infraestruturas da sociedade” (SRNICEK, 2018, p. 47, tradução nossa)¹². Portanto, as tendências monopolizadoras dessas plataformas devem ser levadas em consideração em qualquer análise de seus efeitos na economia em geral.

Diante dos cenários que investigamos nos documentários, Canclini (2020) nos alerta, para mais reflexões, que “talvez estejamos enfrentando uma transferência de poder simulada: assim como os capitalistas a designaram a mão invisível do mercado, os dadaístas acreditam na mão invisível do fluxo de dados” (CANCLINI, 2020, p. 88, tradução nossa).¹³

É possível observar que a questão central em ambos passa pelas redes de informação, contudo o meio de transmissão da mensagem ideologicamente construída, sob a ótica de Marx (1993), se diferencia em cada um deles. Isso reflete, basicamente, o contexto histórico de cada documentário e a respectiva influência das TICs na sociedade em cada um desses momentos.

Em *The Family*, a manipulação ocorre pessoalmente, através de uma comunicação de marketing direto 1:1, em torno de uma rede de interesses subsidiados pela fé. A ideologia, portanto, está invisivelmente inserida sob a tutela da fé Cristã e exercida em

¹¹ No original: Their infrastructural services set technological standards, determine economic models, and steer user activity for the ecosystem as a whole, shaping the interaction between sectoral platforms, societal institutions, companies, and citizen-consumers.

¹² No original: Far from being mere owners of information, these companies are becoming owners of the infrastructures of society.

¹³ No original: Quizá estemos ante una simulada transferencia del poder: así como los capitalistas lo asignaban a la mano invisible del mercado, los dataístas creen en la mano invisible del flujo de datos.

encontros casuais e/ou formais – como o National Prayer Breakfast, nos quais sujeitos de grande influência política, religiosa e econômica debatiam assuntos relevantes ao mesmo tempo em que estabeleciam redes de informação poderosas e de grande potencial influenciador (THE FAMILY..., 2019).

Por sua vez, o documentário Privacidade Hackeada, apresenta a manipulação por meio de campanhas políticas especialmente desenvolvidas para tornar a ideologia que a subsidiava, palatável a cada um dos grupos identificados por meio de algoritmos de análise de agrupamentos de dados oriundos de aplicativos desenvolvidos originalmente como testes de personalidade, tornando-a, portanto, igualmente invisível. Entretanto, dado o momento histórico, a mediação da mensagem ficou à cargo de uma das maiores Redes Sociais do ocidente à época, o Facebook (PRIVACIDADE..., 2019).

Seja como for, ambos documentários têm como princípio a manipulação de informações de conveniência e interesses que se colocam marcados, por uma invisibilidade de aparatos intangíveis. Como Peres-Neto (2018, p. 31) afirma: “não somos mais capazes de controlar as informações (dados ou metadados) sobre nós, ainda que possamos exercer, parcialmente, certa liberdade no uso destes”. Ao passo que, o capitalismo se renova através da criação e adoção de novos complexos tecnológicos.

Em suma, em um ambiente econômico, no qual: 1- Quase não há fronteiras; 2 - As barreiras comerciais se enfraquecem frente ao desenvolvimento tecnológico, em que os bens se tornam cada vez mais imateriais e as competições ganham arenas globais; 3 - As relações sociais e de consumo definem o próprio ser, e ainda; 4 - O uso do alcance potencial das redes de informação, para ampliação do conhecimento do consumidor e consequente aumento da eficiência da comunicação, a competição para corporações transacionais mais poderosas ganha contornos cada vez mais elaborados somados à disseminação de mensagens, que por meio de ideologias, intensificam a conformação de concepções, crenças e valores. Em que incide a percepção de liberdade, ideológica e intangível, ser colocada em xeque.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª. ed. - São Paulo: Hucitec, 2009.
GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Ciudadanos reemplazados por algoritmos**. Guadalajara: CALAS, 2020.

- CARRASCOZA, J.A. A lógica Produtiva da publicidade num conto de Primo Levi. **Revista Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS, v.16, n.32 (27-40), set-dez, 2015.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- HARDT, Michael.; NEGRI, Antonio. **Império**. 6ª. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- LOTMAN, Iuri M. **La Semiosfera: Semiótica de la cultura y del texto**. Vol.I, Valência, Frónnesis Cátedra Universitat de València, Madrid: Ed. Cátedra, 1996.
- MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MARX, K. “**Introdução à crítica da economia política**” (p. 109-131). In: MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Nova Cultural, 1991 Coleção Os pensadores.
- METCALFE, R. Metcalfe’s law after 40 years of ethernet. **Computer, IEEE**, v. 46, n. 12, p. 26–31, 2013.
- MOROZOV, Evgeny. **Big Tech - A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- PERES-NETO, Luiz. "Éticas comunicação e consumo: um mapa para pensar os desafios da privacidade em rede". In: PERES-NETO, Luiz. BOTELLA i CORRAL, Joan. **Éticas em rede. Políticas de Privacidade e Moralidades Pública**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.
- PRIVACIDADE Hackeada (The Great Hack - orig.). Direção: Karim Amer, Jehane Noujaim. Produção: Karim Amer, Jehane Noujaim. Intérprete: Carole Cadwalladr, David Carroll, Brittany Kaiser. Roteiro: Karim Amer, Erin Barnett. USA: **Netflix**, 2019. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80117542>. Acesso em: 23 set. 2020.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity, 2017.
- THE FAMILY - Democracia Ameaçada. Direção: Jesse Moss. Produção: Alex Gibney, Stacey Offman, Richard Perello, Jeff Sharlet. Intérprete: James Cromwell, David Rysdahl, Ben Rosenfield. Roteiro: Jesse Moss. Fotografia de Thorsten Thielow. USA: **Netflix**, 2019. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80063867>. Acesso em: 30 set. 2020.
- TOFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society: public values in a connected world**. Oxford: Oxford University Press, 2018
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.
- _____. **Cultura e materialismo**. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011b.